

Música, Filosofia e Educação

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M987	Música, filosofia e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-104-6 DOI 10.22533/at.ed.046190502 1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 780.77
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A trajetória da educação musical no Ocidente é marcada por diferentes visões e compreensões díspares. Os valores filosóficos tiveram seu foco redirecionado, os objetivos da educação musical foram modificados por tantas vezes quanto os paradigmas pedagógicos e sociais foram sugeridos, consolidados, questionados e reconstruídos. Em uma recapitulação do valor da música ao longo da história, notamos que a música esteve desvinculada da educação durante o período medieval. A infância receberia aceitação social e orientação escolar específica a partir da Renascença e seria objeto de estudos durante o século XVIII, propiciando o surgimento dos métodos ativos em educação musical de Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel (Fonterrada, 2005, p.38-40; 48-53). A educação musical do século XIX foi marcada pela publicação de tratados de teoria que ‘treinavam’ o domínio técnico, já que o Romantismo caracterizava-se pela figura do virtuose. Os conservatórios particulares, por sua vez, eram os centros onde o ensino orientado para o virtuosismo era fortemente estimulado. No século XX, os modelos filosóficos surgiam na mesma velocidade em que eram substituídos por outros modelos. O desenvolvimento tecnológico e as efêmeras mudanças de pensamento social e político criaram um ambiente para o aparecimento de métodos pedagógico-musicais que buscavam a sensibilização integral da criança quanto ao fazer e ouvir musicais. Jacques Dalcroze e a educação do corpo na vivência musical; Zoltan Kodaly e a educação musical autóctone; Edgar Willems e a educação auditiva quanto à sensorialidade, afetividade e inteligência; Shinichi Suzuki e a educação para o talento. Da segunda geração de pedagogos musicais (a partir dos anos 1960), Murray Schafer, Keith Swanwick e John Paynter também contribuíram com novas estratégias em relação ao desenvolvimento cognitivo-musical da criança, à educação sonora e aos aspectos psicológicos observados nas diversas fases da infância e da adolescência. Neste ponto podemos perguntar: se há tantos métodos e sistemas de pedagogia musical que valorizam o aluno e orientam o professor, qual a necessidade de uma filosofia para a educação musical? A resposta pode começar com a noção de que uma filosofia da música sempre permeou a educação musical em seus diferentes períodos na história, e com a concordância de que um posicionamento filosófico que incida diretamente sobre a prática da educação musical contribui para a reflexão na ação pedagógica. Esta reflexão pode determinar a natureza e o valor da educação musical, e é desse tema que tratamos mais especificadamente a seguir. Nas linhas abaixo, propomos o diálogo e evidenciamos o confronto entre os estudos de Bennett Reimer (1970) e David Elliott (1995) a fim de esboçar suportes filosóficos que orientem o trabalho do educador musical em sala de aula. Os autores assinalam que a educação musical deve ter entendimento da natureza e do valor estéticos da música, a fim de realmente tornar-se educação musical. Porém, como veremos a seguir, essa opção por uma educação estética encontra oposição e contra-argumentação nos estudos de outros pesquisadores da educação musical. No artigo

A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES, os autores João Leandro Neto, Tayronne de Almeida Rodrigues, Murilo Evangelista Barbosa visam fomentar alguns pensadores sofistas e trazer enfoque à Ética socrática grega. Através de estudos e pesquisas busca-se aprimorar e aferir percepções e valores atribuídos às opiniões e ao relativismo apontado pelos sofistas que moldavam a ética de acordo com seus valores, sendo necessário seguir os valores que cada um julgasse mais correto de viver. No artigo **A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO DA RESPIRAÇÃO APLICADO À PRÁTICA INSTRUMENTAL DO VIOLINO E DA VIOLA**, o autor Oswaldo Eduardo da Costa Velasco discute e aponta reflexões sobre como desenvolver a conscientização e o interesse na observação da respiração. A pesquisa está direcionada para o estudo e a prática instrumental do violino e da viola. No artigo **A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NO GOSTO MUSICAL DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA**, o autor Frank de Lima Sagica buscam compreender a influência da mídia na formação do gosto musical desses estudantes. A metodologia utilizada se deu por uma pesquisa em campo, com aplicação de questionário aos alunos. Os resultados deste trabalho devem contribuir para a área da educação musical, no âmbito da linha de pesquisa Abordagens Socioculturais da Educação Musical. No artigo **A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**, a autora Jéssica Melina Behne Vettorelo buscam compreender os efeitos do contato com os sons e a música no seu desenvolvimento global, desde o período intra-uterino até os cinco primeiros anos de vida, tratado aqui como primeira infância. No artigo **A PERFORMANCE DO COCO SEBASTIANA: UM RITO DE PASSAGEM NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE JACKSON DO PANDEIRO** o autor Claudio Henrique Altieri de Campos objetivo é buscar como um momento paradigmático na trajetória do artista. Para tanto, dialoga com o pensamento de Turner, sobre liminaridade, e Foucault, sobre a noção de discurso. No artigo **APRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA**, a autora, Priscila de Freitas Machad buscou investigar que concepções de avaliação do processo de aprendizagem infantil que estão presentes nas práticas docentes. No artigo **A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA**, Monalisa Carolina Bezerra da Silveira, busca investigar possibilidades e dificuldades que professores de Educação Musical, em atividade, no Ensino Básico da Rede Pública Federal e Municipal do Rio de Janeiro encontraram para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas de música. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas junto a quatro docentes previamente selecionados. No artigo **A UTOPIA DO ISOMORFISMO INTERSEMIÓTICO COMO MOTOR DA CRIAÇÃO: BREVE ANÁLISE DO MOTET EM RÉ MENOR DE GILBERTO MENDES**, o autor Victor Martins Pinto de Queiroz visou explicitar a relação entre os procedimentos usados por ele em sua

música e aqueles utilizados pelo poeta no poema, em busca do isomorfismo texto-música, defendido como solução para o dilema onde se julgava estar a música, pelos signatários do manifesto Música Nova, entre os quais estava Gilberto. No artigo Anacleto de Medeiros: um olhar sobre a atuação de um mestre do choro e das bandas no cenário sociocultural carioca, os autores Sebastião Nolasco Junior e Magda de Miranda Clímaco visou as interações do compositor Anacleto de Medeiros com o ambiente social e musical do Rio de Janeiro do final do século XIX e princípio do século XX, atuando como chorão e como regente de bandas. No artigo Análise da Sonata para viola e piano de Radamés Gnattali: primeiro movimento, os autores Maria Aparecida dos Reis Valiatti Passamae e Felipe Mendes de Vasconcelos, os autores analisam o primeiro movimento da Sonata para viola e piano de Radamés Gnattali, um personagem merecedor de maior sistematização e divulgação de sua obra em estudos que associem os processos criativos com a prática musical, contribuindo para a escuta e a apreciação. No artigo **ANÁLISE DE FUMEUX FUME PAR FUMÉE DE SOLAGE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE ARS SUBTILIOR E MADRIGAL**, os autores Victor Martins Pinto de Queiroz, Mauricio Funcia De Bonis analisam a contrapontística da obra Fumeux fume par fumée, de Solage, buscando apontar as especificidades do contraponto medieval ao mesmo tempo em que esclarece as particularidades do período posterior à Ars Nova, a Ars Subtilior, propondo um registro de suas semelhanças com o madrigal renascentista na exacerbação do cromatismo. No artigo **AS ALTERAÇÕES NA PERCEPÇÃO MUSICAL DE PESSOAS COM EPILEPSIA DE DIFÍCIL CONTROLE, UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MODELO DE COGNIÇÃO, FUNÇÕES MUSICAIS E MUSICOTERAPIA**, os autores Fernanda Franzoni Zaguini Clara Márcia Piazzetta, busca estabelecer uma discussão sobre o modelo de percepção musical e o processamento auditivo cerebral até a gestalt auditiva descrito por Koelsch (2005, 2011), mostrando a importância destes conhecimentos para o trabalho musicoterápico na reabilitação neurológica de pacientes com epilepsia. No artigo **AS REGRAS DE EXECUÇÃO MUSICAL EM MARPURG, O MÚSICO CRÍTICO: RELAÇÕES ENTRE RETÓRICA E MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA PRONUNTIATIO MUSICAL**, o autor Stéfano Paschoal tem o intuito de evidenciar a forte relação entre Retórica e Música. Aspectos composicionais da linguagem de Theodoro Nogueira no Improviso nº 4 para violão os autores Laís Domingues Fujiyama, Eduardo Meirinhos Trata-se da dissertação sobre os processos composicionais de Theodoro Nogueira. Através do confronto de uma análise neutra com a estética nacionalista/guarnieriana (a qual o compositor se vincula) e críticas de violonistas sobre sua obra pretendemos definir alguns aspectos de sua linguagem. No artigo **ATUAÇÃO DO MÚSICO EM EMPRESAS: MERCADO, INDICATIVOS E PROCESSOS**, a autora Elen Regina Lara Rocha Farias, busca descrever e apresenta questões sobre a atuação profissional do músico em empresas públicas e privadas, assim como o mercado em que se insere e solicita deste profissional, indicativos de um perfil condutor de ações exitosas, bem como processos estruturadores de planos

de trabalho interdisciplinares que atendam e gratifiquem tanto a empresa quanto o artista. No artigo **BLUES NO PAÍS DO SAMBA: ASPECTOS DETERMINANTES PARA A PRESENÇA DO BLUES COMO FAZER MUSICAL NO BRASIL**, o autor Rafael Salib Deffaci, traz a Derivação de sua dissertação de mestrado em Música (UDESC, 2015). Nele, evidenciarei alguns aspectos - estético/musicais, culturais, sociais e históricos - determinantes para a presença do blues no Brasil como gênero musical, inicialmente estrangeiro, e seus caminhos até sua incorporação e ressignificação pela musicalidade brasileira na atualidade. No artigo **COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO MELÓDICA DE DANIEL: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO MUSICAL**, a autora Aline Lucas Guterres Morim, busca compreender o processo de construção melódica do sujeito Daniel. Os dados da análise são um recorte da dissertação “O processo de composição musical do adolescente: ações e operações cognitivas”, orientado por Leda Maffioletti, No artigo **CONCEPÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS TÉCNICAS EXPANDIDAS E SUA APLICAÇÃO NO REPERTÓRIO DE TUBA**, o autor Gian Marco Mayer de Aquino, busca apresentar concepções didáticas sobre as técnicas expandidas e sua aplicação no repertório de tuba. Este é um recorte de sua pesquisa de mestrado. No artigo **CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, os autores Juliana Rocha de Faria Silva, Fernando William Cruz buscam Saber como as pessoas escutam e se elas escutam da mesma maneira; porque há certas músicas que são preferidas por muitos; se as pessoas ouvem de formas diferentes e porque há pessoas da nossa cultura que não são movidas pela música como outras são as perguntas feitas por estudiosos de diversos campos como o da Psicologia Cognitiva, da Neurociência, da Computação, da Musicologia e da Educação e revelam a natureza interdisciplinar da área emergente que inclui a percepção e cognição musicais (LEVITIN, 2006). No artigo **EDUCAÇÃO MUSICAL DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS COM AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO DISPOSITIVO MAKEY MAKEY**, os autores Alexandre Henrique dos Santos, Adriana do Nascimento Araújo Mendes aborda uma experiência em educação musical para alunos com deficiência visual utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e um modelo pedagógico que orienta teoricamente o ensino com as mesmas: o Technological Pedagogical and Content Knowledge (TPACK). No artigo **EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS**, os autores Paula Martins Said e Dagma Venturini Marques Abramides, buscou investigar o efeito da educação musical no repertório de habilidades sociais em crianças expostas e não expostas à educação musical. No artigo Educação Musical, Neurociência e Cognição:

Uma Revisão Bibliográfica Dos Anais Do SIMCAM, os autores Cassius Roberto Dizaró Bonfim, Anahi Ravagnani e Renata Franco Severo Fantini

Buscam apresentar um panorama atual desta produção na tentativa futura de aproximar o conhecimento produzido à realidade da docência. Embora a produção de estudos acadêmicos sobre estes três temas esteja visivelmente em crescimento, notou-

se que o número de publicações que relacionam os três elementos simultaneamente ainda seja incipiente. **ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER** No artigo **ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER**, os autores Ronan Gil de Moraes, Jean Paulo Ramos Gomes, Lucas Davi de Araújo, Lucas Fonseca Hipólito de Andrade, buscam apresentar questões pertinentes à iniciação musical voltada ao ensino de solfejo, percepção e principalmente de práticas instrumentais percussivas, e surgiu como consequência de atividades desenvolvidas em um curso de extensão para crianças de 08 a 14 anos. No artigo **Estudo Comparado das Flutuações de Andamento em Quatro Gravações de Du Schönes Bächlein para violão solo de Hans Werner Henze**, o autor João Raone Tavares da Silva Busca estudar o comparativo das flutuações de andamento em quatro interpretações da peça **Du Schönes Bächlein** de Hans Werner Henze (1926-2012) feitas por diferentes violonistas. No artigo **Estudo das relações entre Forma e Densidade na Sinfonia em Quadrinhos de Hermeto Pascoal**, o autor Thiago Cabral, realiza uma avaliação quantitativa do parâmetro densidade em quatro seções da peça **Sinfonia em Quadrinhos** (1986) de Hermeto Pascoal (1936). No artigo **EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: RELIEF STATIQUE (1955) E VOCALISM AI (1956) DE TORU TAKEMITSU**, o autor Luiz Fernando Valente Roveran propõem-se discussões acerca do contraste entre a música concreta de Pierre Schaeffer e nosso objeto de estudo.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES	
João Leandro Neto Tayronne de Almeida Rodrigues Murilo Evangelista Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0461905021	
CAPÍTULO 2	12
A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO DA RESPIRAÇÃO APLICADO À PRÁTICA INSTRUMENTAL DO VIOLINO E DA VIOLA	
Oswaldo Eduardo da Costa Velasco	
DOI 10.22533/at.ed.0461905022	
CAPÍTULO 3	21
A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NO GOSTO MUSICAL DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Frank de Lima Sagica	
DOI 10.22533/at.ed.0461905023	
CAPÍTULO 4	32
A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
Jéssica Melina Behne Vettorelo	
DOI 10.22533/at.ed.0461905024	
CAPÍTULO 5	41
A PERFORMANCE DO COCO <i>SEBASTIANA</i> : UM RITO DE PASSAGEM NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE JACKSON DO PANDEIRO	
Claudio Henrique Altieri de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.0461905025	
CAPÍTULO 6	49
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA	
Priscila de Freitas Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0461905026	
CAPÍTULO 7	66
A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA	
Monalisa Carolina Bezerra da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0461905027	
CAPÍTULO 8	77
A UTOPIA DO ISOMORFISMO INTERSEMIÓTICO COMO MOTOR DA CRIAÇÃO: BREVE ANÁLISE DO <i>MOTET</i> EM RÉ MENOR DE GILBERTO MENDES	
Victor Martins Pinto de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.0461905028	

CAPÍTULO 9 87

ANACLETO DE MEDEIROS: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DE UM MESTRE DO CHORO E DAS BANDAS NO CENÁRIO SOCIOCULTURAL CARIOCA

Sebastião Nolasco Junior
Magda de Miranda Clímaco

DOI 10.22533/at.ed.0461905029

CAPÍTULO 10 95

ANÁLISE DA SONATA PARA VIOLA E PIANO DE RADAMÉS GNATTALI: PRIMEIRO MOVIMENTO

Maria Aparecida dos Reis Valiatti Passamae
Orquestra Sinfônica do Espírito Santo
Felipe Mendes de Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.04619050210

CAPÍTULO 11 105

ANÁLISE DE *FUMEUX FUME PAR FUMÉE* DE SOLAGE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE ARS SUBTILIOR E MADRIGAL

Victor Martins Pinto de Queiroz
Mauricio Funcia De Bonis

DOI 10.22533/at.ed.04619050211

CAPÍTULO 12 115

AS ALTERAÇÕES NA PERCEPÇÃO MUSICAL DE PESSOAS COM EPILEPSIA DE DIFÍCIL CONTROLE, UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MODELO DE COGNIÇÃO, FUNÇÕES MUSICAIS E MUSICOTERAPIA

Fernanda Franzoni Zaguini
Clara Márcia Piazzetta

DOI 10.22533/at.ed.04619050212

CAPÍTULO 13 124

AS REGRAS DE EXECUÇÃO MUSICAL EM MARPURG, O MÚSICO CRÍTICO: RELAÇÕES ENTRE RETÓRICA E MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA *PRONUNTIATIO* MUSICAL

Stéfano Paschoal

DOI 10.22533/at.ed.04619050213

CAPÍTULO 14 139

ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA LINGUAGEM DE THEODORO NOGUEIRA NO *IMPROVISO N° 4* PARA VIOLÃO

Laís Domingues Fujiyama
Eduardo Meirinhos

DOI 10.22533/at.ed.04619050214

CAPÍTULO 15 150

ATUAÇÃO DO MÚSICO EM EMPRESAS: MERCADO, INDICATIVOS E PROCESSOS

Elen Regina Lara Rocha Farias

DOI 10.22533/at.ed.04619050215

CAPÍTULO 16 157

BLUES NO PAÍS DO SAMBA: ASPECTOS DETERMINANTES PARA A PRESENÇA DO BLUES COMO FAZER MUSICAL NO BRASIL

Rafael Salib Deffaci

DOI 10.22533/at.ed.04619050216

CAPÍTULO 17	165
COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO MELÓDICA DE DANIEL: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO MUSICAL	
Aline Lucas Guterres Morim	
DOI 10.22533/at.ed.04619050217	
CAPÍTULO 18	174
CONCEPÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS TÉCNICAS EXPANDIDAS E SUA APLICAÇÃO NO REPERTÓRIO DE TUBA	
Gian Marco Mayer de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.04619050218	
CAPÍTULO 19	183
EDUCAÇÃO MUSICAL DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS COM AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO DISPOSITIVO MAKEY MAKEY	
Alexandre Henrique dos Santos	
Adriana do Nascimento Araújo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.04619050219	
CAPÍTULO 20	200
EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS	
Paula Martins Said	
Dagma Venturini Marques Abramides	
DOI 10.22533/at.ed.04619050220	
CAPÍTULO 21	216
EDUCAÇÃO MUSICAL, NEUROCIÊNCIA E COGNIÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS ANAIS DO SIMCAM	
Cassius Roberto Dizaró Bonfim	
Anahi Ravagnani	
Renata Franco Severo Fantini	
DOI 10.22533/at.ed.04619050221	
CAPÍTULO 22	225
ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER	
Ronan Gil de Moraes	
Jean Paulo Ramos Gomes	
Léia Cássia Pereira da Paixão	
Lucas Davi de Araújo	
Lucas Fonseca Hipolito de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.04619050222	
CAPÍTULO 23	236
ESTUDO COMPARADO DAS FLUTUAÇÕES DE ANDAMENTO EM QUATRO GRAVAÇÕES DE DU <i>SCHÖNES BÄCHLEIN</i> PARA VIOLÃO SOLO DE HANS WERNER HENZE	
João Raone Tavares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.04619050223	

CAPÍTULO 24 245

ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE FORMA E DENSIDADE NA *SINFONIA EM QUADRINHOS* DE HERMETO PASCOAL

[Thiago Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.04619050224

SOBRE O ORGANIZADOR..... 254

A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES

João Leandro Neto

Faculdade Entre Rios do Piauí - FAERPI
Crato – Ceará

Tayronne de Almeida Rodrigues

Faculdade de Juazeiro do Norte - FJN
Crato – Ceará

Murilo Evangelista Barbosa

Faculdade Raimundo Sá - URSA
Picos – Piauí

RESUMO: Este trabalho visa fomentar alguns pensadores sofistas e trazer enfoque à Ética socrática grega. Através de estudos e pesquisas busca-se aprimorar e aferir percepções e valores atribuídos às opiniões e ao relativismo apontado pelos sofistas que moldavam a ética de acordo com seus valores, sendo necessário seguir os valores que cada um julgasse mais correto de viver. Já Sócrates é considerado pai da ética, pois o seu pioneirismo nesse campo valorizava as virtudes para que assim o homem entrasse em comunhão com a felicidade. Sócrates também busca a obediência da lei como modelo ético a ser seguido, uma vez que o referencial de sua obra de vida é autoconhecer-se para que assim cada indivíduo possa compreender e praticar a verdade de forma plena.

PALAVRAS-CHAVE: Sofistas. Ética. Sócrates. Valores.

ABSTRACT: This work aims to foster some sophist thinkers and bring focus to Greek Socratic Ethics. Through studies and research, we seek to improve and assess perceptions and values attributed to the opinions and relativism pointed out by the sophists who shaped ethics according to their values, and it was necessary to follow the values that each one considered more correct to live. Already Socrates is considered the father of ethics, because his pioneering in this field valued the virtues so that the man entered into communion with happiness. Socrates also seeks the obedience of the law as an ethical model to be followed, since the reference of his work of life is self-knowledge so that each individual can fully understand and practice the truth.

KEYWORDS: Sophists. Ethics. Socrates. Values.

1 | INTRODUÇÃO

Abordando as teorias sofísticas, principalmente de dois grandes mestres, sendo: Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini, poderá se perceber o início da questão ética, sua repercussão social e como se tornou a base do pensamento e da teoria socrática, contudo, não uma base positiva, mas sim uma

de discussão e refutação por parte deste para com aqueles.

Em Sócrates, será mostrado como ele fez nascer à filosofia acerca da ética e como ela passou a ser uma das grandes preocupações do homem grego de então, tudo isso embasado nas suas teorias sobre a virtude, a felicidade e a essência do ser humano, além de sua refutação aos argumentos sofistas.

Ética. Um dos grandes questionamentos que atualmente se revela é a respeito desse tema e aquilo que a ele está envolvido. Neste trabalho é possível verificar que a questão que o envolve não é tão nova quanto se pode pensar, mas remonta os primórdios da experiência filosófica encontrada no ser humano, numa época na qual os grandes pensadores mudaram o seu enfoque de discussão e passaram a se empenhar no ser humano e naquilo que a ele se quer ou se pode dizer.

2 | A SOFÍSTICA

Após a Grécia experimentar um período no qual a filosofia se dedicara ao objeto cosmológico e, sobretudo, se interrogando pela origem de todas as coisas (*arkhê*), ela passou a vivenciar uma revolução de abordagens, visto que as respostas para o problema que envolve o princípio não eram tão convincentes e acabaram se tornando contraditórias, além do que as questões político-sociais que estouraram nas grandes cidades cobraram dos cidadãos novas posturas e trouxeram a eles novas reflexões gerando um olhar mais atento para as questões do homem.

Esse sistema que se formou acabou por culminar na apresentação de uma nova problemática, o próprio homem e aquilo que a ele está ligado. Os primeiros pensadores a abordarem tal temática foram os sofistas, grupo de filósofos que se especializaram naquilo que diz respeito ao homem e sua relação com a sociedade.

Tais filósofos foram conhecidos como os “provedores de sabedoria moral e política das cidades-estado da Grécia no século V a.C.” (HALDANE, 1996 p. 720), ou seja, aqueles que formavam a opinião dos jovens e os ensinavam a formar a opinião dos outros. Entre este formar opiniões e prover a moral e a política entra o início da questão ética encontrada na sofística, sendo, por uma base até mesmo negativa, o subsídio encontrado por Sócrates e pelos que vieram depois de sua reflexão para combater tão ferozmente tais pensadores, pois estes agiram muito mais para o seu próprio bem – o pagamento que cobravam para ensinarem suas lições – do que para formarem uma juventude crítica e ética que agisse conforme aquilo que a sociedade de seu tempo determinava como um bem comunitário, segundo a crítica daqueles.

Baseando-se em Protágoras, um dos grandes mestres da sofística, que dizia ser o homem a medida de todas as coisas, ocorreu uma mudança de enfoque com relação à verdade e aos conceitos que regem o agir e o relacionar-se do ser humano, entre eles a própria ética, gerando, assim, a “revolução relativista e subjetivista”, que perdura até os dias atuais.

Colocando Górgias em evidência, outro grande mestre da sofística, observa-se a ocorrência do niilismo em seu pensamento, sendo ele mesmo tido como o grande pai do “nadismo” Ocidental. Em sua afirmação “o ser não existe e o não-ser existe”, Górgias leva o relativismo de Protágoras ao mais radical ceticismo. Górgias apresenta o pensamento de que não pode haver conhecimento certo das coisas e que, por isso é necessário esforçar-se por persuadir os homens da probabilidade do que aparece.

Assim, toda e qualquer ação humana pode ser justificada, visto que a verdade não existe e que os valores, as leis e as normas são totalmente cabíveis ao questionamento segundo a necessidade e a capacidade de retórica. Dessa forma, conseqüentemente, a ética tornou-se altamente questionável a ponto de atitudes antiéticas serem justificadas como totalmente éticas ou postas dentro de moldes de moralidade, só que de forma superficial.

Diante dessa nova realidade encontrada ocorre o início da problemática a respeito da ética na Grécia Antiga, com a questão sofística em alta e seus críticos que, baseados naquilo que aqueles disseram, iniciaram questionamentos restauradores da antiga ordem que culminaram no surgimento de uma filosofia própria de estudos éticos.

3 | O RELATIVISMO ÉTICO SEGUNDO PROTÁGORAS

Protágoras de Abdera, considerado o “pai do relativismo Ocidental”, lançou ao mundo, com sua afirmação: “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são, das coisas que não são enquanto não são”, que a verdade, o bem e tudo aquilo a que o ser humano está ligado ou ainda vai se ligar, agora dados como bons ou virtuosos são, na realidade, relativos a cada pessoa, sendo que cada indivíduo considera aquilo que melhor lhe servir. Relativizando a verdade, Protágoras inaugura uma visão de mundo totalmente ordenado segundo aquilo que o indivíduo tem para si como bom. Interpretando o axioma de Protágoras vê-se que:

Por “medida”, Protágoras entendia a “norma de juízo”, enquanto por “todas as coisas” entendia todos os fatos e todas as experiências em geral. [...] Protágoras pretendia negar a existência de um critério absoluto que discrimine ser e não-ser, verdadeiro e falso. O único critério é somente o homem, o homem individual. [...] Sendo assim, ninguém está no erro, mas todos estão com a verdade (a sua verdade)” (REALE, 2003 p.77).

Observando essa consideração de Protágoras pode-se perceber que ele, negando uma verdade e bem universais, deixando o julgamento para cada indivíduo, relativizou a ética, atribuindo a ela a característica de reguladora dos valores de gênero de ação realizados pelo ser humano. Portanto, as definições que existiam até então caíram na interpretação subjetiva e chegaram a criar uma ética individual aplicável segundo a capacidade de persuasão do locutor para com seu ouvinte.

Como os conceitos éticos eram advindos da própria ética natural e da de direito, conclui-se que, por ser comum a cada ser humano, entrou no relativismo enquanto

simultaneamente caiu no subjetivismo. A primeira pode-se dizer que se tornou relativa, pois entrou no campo do bem individual – “meu bem é meu e pode não ser para você ou para qualquer outro, visto que minha interpretação de mundo é diferente da que cada indivíduo tem para si”. A segunda virou subjetiva, pois cada ser humano, segundo a utilidade que ele bem entender, pode dar a interpretação que desejar para as leis, segundo os critérios que cada indivíduo adota para si.

Para Protágoras: “a conexão entre ética, política e retórica [...] era importante [...], pois melhora a natureza humana, moral e física” (GUTHRIE, 1995 p.158). Isso quer dizer que aquilo que Protágoras ensinou, contudo, não o fez para frisar a relação subordinativa do ser humano, mas sim como mais uma ferramenta para o desenvolvimento do bem nas relações políticas existentes na Grécia, pois, segundo o próprio Protágoras: “[...] oradores bons e habilidosos fazem processos bons em vez de maus parecerem justos a cidades” (GUTHRIE, 1995 p. 158).

Com o passar dos tempos, pode-se concluir que a mensagem de Protágoras foi sendo substituída e adotada para justificar fins que não seriam dos mais lícitos, que visavam apenas o prazer individual e subjugava os coletivos, baseando-se, principalmente, no princípio do persuadir e convencer para ser sábio e virtuoso.

4 | O “CONVENCER-SE” EM PROTÁGORAS E GÓRGIAS

A sofística desenvolveu, com Protágoras, uma de suas formas mais absolutas de argumentação: a antilogia. Esta consiste em enunciar todos os argumentos a favor e contrários a certa questão e tornar aquele argumento que se apresenta como fraco mais forte do que os outros. Dessa forma, o desenvolvimento da retórica e do convencimento tornou-se a virtude ensinada por Protágoras: “exatamente essa ‘habilidade’ de saber fazer prevalecer qualquer ponto de vista sobre a opinião oposta” (REALE, 2003 p. 77).

Assim, com o conceito de verdade relativizado e, mais tarde ocorre, com Górgias de Leontini, o desmembramento da relação existente entre a palavra e a verdade, a persuasão e a sugestão tornaram-se ferramentas práticas para serem utilizadas na política e no convencimento de um público. Utilizar-se de artimanhas sugestivas e capciosas para convencimento de outros, o agir da palavra tornou-se a ação individual sobre a coletiva, sendo aquilo que para este homem é bom ele faz com que, por meio dessas ferramentas, seja bom para os outros também, como diz Guthrie:

[...] o sofista faz de suas palavras o que o doutor faz com drogas [...], ou seja, muda o aluno para um estado melhor. Ele não o faz trocar falsas crenças por verdadeiras, pois crenças falsas são impossíveis; mas, quando um homem tem um estado pervertido (*poneron*) de mente e pensamentos são (*chresta*) – não mais verdadeiros, mas melhores. [...] Coisas que toda uma cidade pensa ser justas e honradas (*kala*) são-lhes tais enquanto ela pensa que o são; mas nos casos em que elas são danosas (*ponera*), o homem sábio as substitui por outras que são e parecem sãs (*chresta*). Permite-se, assim, que certos homens sejam mais sábios do que os outros, embora ninguém pense falsamente” (GUTHRIE, 1995 p. 162).

O desmantelamento da opinião comum foi precedido pelo aprendizado do fazer-se convencer dentro das questões que serão debatidas. Por isso a sofística, foi quem, justamente, realizou esta grande preparação ao capacitar os jovens que estavam entrando no mundo político da polis grega a conseguirem persuadir e fazerem com que suas opiniões prevalecessem sobre as das outras pessoas. Teorizou tantas formas de técnicas de retórica e convencimento que chegaram a negar a ética da cidade para, segundo os seus critérios, fazer valer a ética pessoal do indivíduo que desses artifícios se utilizava.

O agir, o fazer-se convencer e o persuadir podem ser chamados de virtudes quando se trata de Protágoras e quem os pratica torna-se sábio e virtuoso. Tomá-los em tal categoria significa a justificativa encontrada para continuar se ensinando tais meios, visto que agora podem ser percebidos como bons para a sociedade. A sabedoria foi rebaixada somente ao encontrar boas palavras no momento certo, para a pessoa certa e com o sentido e argumentos corretos, e nisto consistia o sucesso da educação proposta por Protágoras: o jovem, armado com essas habilidades, conseguiria o sucesso em carreiras públicas ou políticas, visto que esta era vista justamente como um meio “de saber fazer prevalecer qualquer ponto de vista sobre a opinião oposta” (REALE, 2003 p. 77), consistindo nisso a virtude e a problemática da opinião coletiva, onde esta não é mais vista como importante, pois aquela, por significar as coisas boas do ser humano, diz que a opinião individual é mais relevante do que a primeira, prevalecendo assim o ser individual em relação ao ser coletivo.

5 | AS CONCLUSÕES DAS TEORIAS

Os sofistas, apesar de tudo, não queriam, no que diz respeito aos chamados grandes mestres, que suas teorias se tornassem meios de fazer a vontade individual de cunho negativo operar sobre o bem comum como foi dito e enfatizado no final do primeiro tópico. Segundo Vázquez, a questão não foi sobre o que os sofistas ensinaram – a retórica, o discurso ou o convencimento – mas sim como ensinaram e as teorias que desenvolveram em torno desse pensamento.

No início, a pretensão era de apenas desenvolver um conhecimento prático em meio a uma sociedade em estágio de mudanças, sendo de grande importância às questões envolvendo a política e a vida pública, fazendo-se necessários meios de expor o pensamento aos outros e de argumentar sobre os pensamentos contrários que cada um trazia consigo. Nas palavras de Vázquez, sobre a justificativa do método sofista:

O sofista [...] não ambiciona um conhecimento gratuito especulativo, mas prático, tendente a influir na vida pública. Por esta razão, os sofistas se transformam em mestres que ensinam principalmente a arte de convencer, ou retórica. Numa sociedade em que o cidadão intervém ativamente e é muito importante ter êxito na vida política, a arte de expor, argumentar ou discutir ensinada pelos sofistas [...] não deixa de ter uma aceitação excepcional, até o ponto de convertê-los numa

Falando ainda sobre a questão sofista, Vázquez aborda a questão do desvirtuamento do método sofístico e como isso coloca em conflito as relações dos sofistas com o restante da ala filosófica da Grécia:

Mas esta arte de persuadir é desenvolvida e transmitida pondo em dúvida não só a tradição, mas a existência de verdades e normas universalmente válidas. Não existe nem verdade nem erro, as normas – por serem humanas – são transitórias. Protágoras cai assim no relativismo ou subjetivismo [...], e Górgias sustenta que é impossível saber o que existe realmente e o que não existe (VÁZQUEZ, 2000 p. 269).

Percebe-se então que a postura assumida pelos mestres da sofística levou aqueles que por eles eram ensinados a duvidarem das “verdades e virtudes” que eram até então valorizadas e, com isso, ocorreu uma inversão de valores éticos, visto que estes não se estabeleciam de modo absoluto e imutável, mas justificável de diferentes formas diante de diferentes situações, ou então mudados e reinterpretados – sendo até mesmo reformulados – segundo as circunstâncias careciam.

Em suma, segundo Guthrie, a retórica desenvolvida diante dessas teorias era baseada nesse esquema: “Parecer e ser, crer e conhecer, persuadir e provar” (GUTHRIE, 1995 p. 167). Se o argumento ético surgisse em uma dessas problemáticas abordadas pelos sofistas, a solução era justamente essa: fazer parecer à questão e mostrar que ela é; levar o ouvinte a crer naquilo que se diz e mostrá-lo ao conhecimento de tal crença; nisso entra a persuasão para convencer e provar que o argumento e a colocação anterior do sofista é verdadeira e a da do questionador é falsa ou contraditória, mesmo que não o seja.

Desse modo, a ética entrou em conflito consigo mesma diante do argumento sofístico. Ocorreu uma separação entre a verdade dita e a existente, o que provocou a desestruturação da ética tradicional e fez com que alguém surgisse para questionar esse problema, contudo não como um grande “salvador” que livrou a todos do “mal” sofista, mas como o ignorante que mostra a inconsistência do argumento deles e desconstrói a verdade para colocá-la como realmente ela deve ser.

6 | O PENSAMENTO ÉTICO EM SÓCRATES

Após o desenvolvimento da questão sofística em Atenas, especialmente, alguém sentiu a necessidade de fazer com que a situação deturpada que se instaurou fosse substituída por uma outra situação, na qual o homem vive segundo as virtudes não tidas como pessoais, mas comuns a cada ser humano que luta para conseguir alcançá-las. Sócrates foi o homem que se levantou para abrir os olhos daqueles que se iludiram pela sofística e, com isso, colocar o pensamento crítico de volta na cabeça da juventude e da população.

Sócrates desenvolveu, para restabelecer a “moralidade” grega, a teoria

essencialista do ser humano, além de restabelecer o conceito de virtude. Com base ainda nas teorias sofisticas, contudo de maneira a refutá-las, Sócrates estabeleceu o primórdio da filosofia ética propriamente dita, porém ainda de forma muito superficial como será explorado mais adiante.

Mediante o conceito de *aretê*, ação humana, erro e fim do homem, Sócrates desenvolveu seu pensamento ético e tentou mostrar que aquilo que os sofistas queriam era nada menos do que tirar o que o homem tem de diferencial em relação aos demais animais: a ânsia pela busca da verdade e do bem comum e não a propagação da mentira e do bem individual.

6.1 PRINCÍPIO DO *ARETÊ* – A VIRTUDE NO HOMEM

Antes de se estabelecer o conceito de virtude, vale dizer um pouco sobre a questão da essência do ser humano para haver melhor compreensão mais adiante. Para Sócrates, a essência do ser humano consiste na *psyché*, que pode ser entendida como a alma do homem. Seguindo seu pensamento, segundo Reale:

[...] por “alma” Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante. Em poucas palavras: para Sócrates a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral (REALE, 2003 p. 95).

Analisando dessa forma, através da alma já compreendida e, como mesmo foi dito, tida como estado de moralidade do homem, Sócrates teve base para dizer que o homem, devido a sua essência, que é a sua alma, é bom por natureza, eticamente instruído para realizar aquilo que deve fazer. Contudo, agora aparece o conceito de virtude em Sócrates, deve existir algo que leve o homem a tomar conhecimento daquilo que ele deve ou não fazer. Enuncia-se, então, a virtude como “aquilo que faz a alma ser tal como sua natureza determina, isto é, boa e perfeita” (REALE, 2003 p. 95).

A ciência e o conhecimento são dessa forma tidos como virtudes, ao passo que o erro vem da ignorância sobre a mesma. Com isso, os valores agora são vistos não mais como aquilo que embeleza o ser humano, referentes ao seu exterior, mas como o que o leva a se conhecer e tomar consciência de sua essência enquanto homem. Não que aquilo que não seja para a alma fosse denominado como algo ruim, ou até mesmo sem valor, mas tudo dependeria da forma como seria empregado para se justificar e tornar-se um valor. Em suma, como afirma Reale:

Sócrates opera uma revolução no tradicional quadro de valores. Os verdadeiros valores não são os ligados às coisas exteriores, como a riqueza, o poder, a fama, e tampouco os ligados ao corpo, como a vida, o vigor a saúde física e a beleza, mas somente os valores da alma, que se resumem, todos, no “conhecimento”. [...] Isso não significa que todos os valores tradicionais tornam-se necessariamente “desvalores”; significa, simplesmente, que “em si mesmos não têm valor”. Tornam-se ou não valores somente se forem usados como o “conhecimento” exige, ou seja, em função da alma e de sua *aretê*; em si mesmos, nem uns nem outros têm valor (REALE, 2003 p. 95).

Vê-se então que, com isso, Sócrates fez com que as ações fossem justificadas não mais com um cunho pessoal, mas com um fim que não está intrínseco a si, mas ao todo. Retirando essa auto justificação, ele refutou um dos ímpares pensamentos sofistas, o das ações e convencimentos para fim de se conquistar a felicidade individual em qualquer âmbito. Portanto, para Sócrates, se aquilo que é concebido como virtude não serve para edificar a alma, então não serve para nada.

6.2 O AGIR DO SER HUMANO

A ação em Sócrates é desenvolvida segundo um critério específico que se caracteriza pela busca, dentro das capacidades humanas conhecidas, da felicidade como fim último. Contudo, segundo ele, não uma felicidade individual, regada de prazeres e de satisfação dos instintos, mas uma felicidade comum a todos, alcançada por um esforço de cada indivíduo segundo o autocontrole e o domínio de si mesmo. Percebe-se então que, para Sócrates, o que norteia o agir do homem é a busca pela felicidade e o que lhe dá força de impulsão para tal fim é algo que ele chamava de *enkráteia*, que significa, em poucas palavras, autodomínio.

Para alcançar tal felicidade, Sócrates disse que o indivíduo tem que ter para si as virtudes que elevam a sua essência, ou seja, aquilo que é próprio da alma de cada um. Alcançar este estágio significaria que ele, o indivíduo, já seria senhor de si e não necessitaria das coisas exteriores para se satisfazer, alcançando, assim a felicidade tão almejada e o equilíbrio essencial que são o fim de todos aqueles que estão no caminho da virtude.

Com isso, Sócrates lançou mais uma crítica sobre a sofística e fundamentou mais um ponto da filosofia ética: agir não para seu benefício particular em contexto externo, mas agir para seu benefício particular num contexto interno para ocorrer o próprio autocontrole e, com isso, remontar a condição social natural do ser humano como ser bom e voltado para a bondade.

Sócrates ainda disse que a felicidade é alcançada segundo o agir do homem e suas escolhas. Isso implica em fazer com que a responsabilidade quanto a essa questão se tornasse algo totalmente dependente do ser individual. Quem, com suas ações, escolhesse pelo caminho da busca ética da felicidade tornar-se-ia um indivíduo no qual o mal não pode chegar. Sócrates ao explicar sobre a questão do novo conceito de felicidade, afirma que o homem é feliz, independentemente das circunstâncias.

[...] Segundo Sócrates, o homem virtuoso [...] “não pode sofrer nenhum mal, nem na vida, nem na morte”. Nem na vida, porque os outros podem danificar-lhe os haveres ou o corpo, mas não arruinar-lhe a harmonia interior e a ordem da alma. Nem na morte, porque, se existe, ele já viveu bem no aquém, e o além é como um ser no nada. [...] Sendo assim, para Sócrates o homem pode ser feliz nesta vida, quaisquer que sejam as circunstâncias em que lhe cabe viver e seja qual for a situação no além. O homem é o verdadeiro artífice de sua própria felicidade ou infelicidade” (REALE, 2003 p.98).

Por último, Sócrates fez o comparativo entre o indivíduo feliz e o infeliz. A felicidade consiste, como já foi afirmado, em ser virtuoso – buscar a harmonia interior e o ordenamento da alma –, enquanto a infelicidade é encontrada no injusto e naquele que pratica o mal. Assim, Sócrates força o indivíduo a ser ético em seu agir, a praticar o bem – mostrando, nesse praticar o bem, o caráter comunitário da felicidade – visto que, por natureza, o homem busca a felicidade que somente será alcançada se ele atuar no seu meio como ser virtuoso, justo ou, em outras palavras, ético dentro dos parâmetros de sua essência, sendo senhor de si e se autoconhecendo como é por natureza.

6.3 O MAL E O ERRO

Segundo Reale, sobre as questões da ética em Sócrates:

[...] A virtude (cada uma e todas as virtudes: sabedoria, justiça, fortaleza, temperança) é ciência (conhecimento), e o vício (cada um e todos os vícios) é ignorância. [...] Ninguém peca voluntariamente; quem faz o mal, fá-lo por ignorância do bem (REALE, 2003 p.96).

O mal e o erro são vistos, em Sócrates, como algo não vindo voluntariamente do indivíduo, mas algo que ele realiza por não saber que faz errado ou mal. Erro e maldade, assim, são simples ignorância da verdade e da virtude. Isso se deve a um lado do pensamento ético socrático chamado intelectualismo ético, ou seja: “A moral tem o ponto de partida na alma que pela razão pensa. Pensa o bem e por isso o faz” (MARCONETTI, 2009 p.110).

Pode-se ainda dizer que, a partir do momento em que se toma consciência daquilo que é dado como correto para ser feito, o indivíduo o faz, enquanto antes fazia o errado por não saber da natureza desta ação. Dessa forma, embasado nesta reflexão, ocorre um primeiro conceito próprio da ética em Sócrates como “reflexão sistemática que tenta fundamentar a conduta na natureza humana racional” (MARCONETTI, 2007 p. 150).

A questão que envolve o erro, segundo paradoxo da ética socrática depois da questão da virtude, é explicada segundo a finalidade essencial do ser humano apoiada no ponto de referência do conhecimento próprio do ser humano. Segundo Reale:

[...] o homem, por sua natureza, procura sempre seu próprio bem e que, quando faz o mal, na realidade não o faz porque se trate do mal, mas porque espera extrair um bem. Dizer que o mal é “involuntário” significa que o homem engana-se ao esperar dele um bem e que, na realidade, está cometendo um erro de cálculo e, portanto, se enganando. Ou seja, em última análise é vítima de “ignorância” (REALE, 2003 p.96).

A verdade e a virtude vêm então para sanar tal ignorância que o ser humano acaba apresentando, ansiando chegar ao seu bem último. Abraçando a ambas, o indivíduo sai do estado de ignorância e alcança a felicidade verdadeira porque sabe que está praticando-a, e não realizando o mal esperando dele um bem.

6.4 A EUDAIMONIA E O BEM COMUM

A ideia, pois, que sustenta a teoria ética socrática é justamente o conceito de *eudaimonia*, que quer dizer felicidade. Apesar de pensadores anteriores já terem trazido para si tais considerações, Sócrates fundamentou-as em outro âmbito, no qual conceitua de uma forma considerada nova, que é a questão da essência do ser humano, sua alma.

O conceito de felicidade em Sócrates liga-se, contudo, àquilo que ele falou de essencial, ou seja, à *psyché*, ou alma, com a *enckáteia*, que se liga e culmina na *eudaimonia*.

Explicando esse caminho temos: pela essência do homem, que naturalmente é boa, mas dotada de instintos por causa do corpo, um caminho a percorrer para encontrar aquilo que deixa pleno o ser humano. Tal caminho exige um controle de si sobre seus impulsos que, mediante isso, faz com que o indivíduo seja uma boa pessoa, adquira as virtudes que animem sua essência e, com isso, viva bem entre os outros de si.

Ao alcançar este estágio, o indivíduo passa a desconsiderar tudo que é exterior e desnecessário e torna-se “senhor de si” (*enkráteia*) e assim, por esse caminho, chega-se a *eudaimonia*, ou felicidade.

7 | CONCLUSÃO

O ser humano, enquanto tal, sempre será um dos grandes enfoques do pensamento filosófico ocidental. Com o desenvolver deste trabalho pode-se perceber como a referida problemática tentou ser solucionada dentro das capacidades existentes no período grego antigo.

Aquilo que mais pode caracterizá-lo, contudo, é o aspecto do “fazer por saber”, também chamado de intelectualismo ético. Este seria o ponto mais negativo do pensamento ético desenvolvido pelos gregos, visto que exclui as bases da vontade e do fazer do ser humano, submetendo-o apenas à razão intelectual. Hoje se tem consciência de tal realidade, mas tal teoria é considerada visto que a vontade e a escolha ainda não tinham sido objeto de discussão entre os gregos.

Outro ponto importante é o que diz respeito ao bem comum, a felicidade que só é alcançada mediante o agir para proporcioná-la a todos. Essa concepção, tão defendida pelos grandes mestres do pensamento filosófico ocidental é uma das ideias que o mundo contemporâneo necessita: perceber que algo discutido a mais de dois milênios é tão necessário e aplicável hoje como nunca se viu, assim como as virtudes levantadas por cada um dos que vieram depois de Sócrates, incluindo o próprio.

A Ética necessita de ser sempre estudada e posta em discussão, já que a virtude e

o bem são realidades nas quais o ser humano anseia por toda a sua vida. A felicidade nunca foi tão procurada como hoje em dia, mas infelizmente de uma forma errada, visto que quem a busca é para si mesmo e não para os outros.

Quando a realidade da concepção de ética como bem e felicidade comuns vier à tona novamente será possível colocar o ser humano numa concepção mais humana e mais digna de si, como sendo ser racional, político e, conseqüentemente, social e virtuoso.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1 ed. trad. Vinzenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

ARISTÓTELES. **Política**. 3 ed. Brasília: UnB, 1997.

GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. 1 ed. trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

HALDANE, John. Ética aplicada in: BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E.P. (orgs).

JAPIASÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Jorge Zahar, RJ, 1996.

MARCONETTI, Luís. **Primeiros elementos de filosofia**. 2 ed. rev. Campo Grande: UCDB. 2007.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. 1 ed. trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. (Filosofia pagã antiga, v. 1).

VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. *Ética*. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

WOLFF, F. **Aristóteles e a política**. Tradução Thereza Christina Ferreira Stummer e Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Discurso editorial. 1999.